

## JESUS E OS CONFLITOS EM FAMÍLIA

Sérgio Neves Silveira\*

### **Resumo**

*Atendendo ao tema dos confrontos enfrentados por Jesus, este artigo aborda a oposição por Ele sofrida da parte de seus próprios familiares, parentes e amigos. Partindo de Mc 3,20-21, quando os seus chegaram a acusá-lo de cometer loucura, busca analisar o relacionamento de Jesus com seus familiares. Para isso vai à cata de antecedentes com demonstração do modo relacional de Jesus com sua terra e sua gente. Apresenta as circunstâncias da partida de Jesus de sua terra e procura entender por que não voltou a morar em Nazaré, mesmo quando regressou à Galileia. Busca identificar os opositores de Jesus entre parentes ou amigos e as razões que tiveram para assim proceder. Qual a nova família de Jesus? Apresentam-se exemplos de relacionamentos familiares dos seguidores de Jesus, concluindo com a reunião comunitária dos discípulos com a família de Jesus nos Atos dos Apóstolos.*

**Palavras-chave:** *Conflitos. Oposição. Solidariedade familiar. Relacionamentos.*

### **Abstract**

*Taking in consideration the conflict issues faced by Jesus, this text covers the opposition he suffered from his own family members, relatives and friends. Starting from Mk 3:20-21, when they accuse him to commit insanity, we seek to analyze the relationship between Jesus and his family. For this reason will look for background to demonstrate the relationship mode between Jesus, his land and his people. The text also presents the circumstances of Jesus departure from his own land and seeks to understand why he didn't come back no live in Nazareth, even when he returned to Galilee. Also seeks to identify Jesus opponents, being the relatives or friends, and the reasons they had to behave that way. What is the new family of Jesus?*

\* Bacharel em Teologia, pela UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco, com concentração na área dos Estudos Bíblicos.

*There are examples of family relationship of Jesus followers, ending with the community meetings of the disciples with Jesus family, accordingly to Acts of Apostles.*

**Keywords:** *Conflict. Opposition. Family solidarity. Relationships.*

## Introdução

E voltou para casa. E de novo a multidão se apinhou, de tal modo que eles não podiam se alimentar. E quando os seus tomaram conhecimento disso, saíram para detê-lo, porque diziam: “Enlouqueceu!” (Mc 3,20-21)<sup>1</sup>.

Quando fui convidado a escrever este artigo sobre Jesus em confronto com as forças do mal, evitei tratar dos confrontos mais claros de Jesus contra os poderes políticos e religiosos de seu tempo ou contra aquilo que afligia os doentes e possessos, ou seja, o *espírito imundo* que por diversas vezes cruzou o seu caminho. Escolhi tratar de algo que, no princípio, foi um sensível obstáculo para Jesus dar seguimento à missão que lhe foi destinada, mas que ao final converteu-se em apoio: os seus parentes. Embora não seja fácil classificar a ação dos parentes de Jesus como manifestação das forças do mal, de qualquer modo foi uma oposição ao bem maior que era o anúncio do Reino de Deus. Como diz Adolf Pohl, em seu comentário: “Sem querer e sem saber, eles são um instrumento das trevas”<sup>2</sup>. Partindo do Evangelho de Marcos, veremos os conflitos com aquelas pessoas mais chegadas a Jesus que, carregadas de boas intenções, às vezes com o intuito de protegê-lo, procuravam demovê-lo de levar adiante aquela missão a que se entregara tão obstinadamente.

O primeiro relato de oposição dos parentes de Jesus, no Evangelho de Marcos, aparece nos versículos 20 e 21 do capítulo 3. É desta pequena perícopé que parte toda a questão do relacionamento de Jesus com os seus (familiares, parentes, amigos), que chegaram até a acusá-lo de andar cometendo loucuras. Albert Nolan nos assegura que: “Os evangelhos não deixam dúvidas de que o relacionamento de Jesus com a maior parte dos seus parentes era forçado e tenso”<sup>3</sup>.

## Antecedentes

O ambiente em que Jesus passou a maior parte da sua vida era de características bem rurais, como diz José Antônio Pagola: “Viver em Nazaré é viver no

1. Todos os textos bíblicos transcritos neste artigo foram tirados da *Bíblia de Jerusalém*: nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2011.

2. POHL, Adolf. *Evangelho de Marcos*: comentário esperança. Curitiba: Ed. Evangélica Esperança, 1998, p. 139.

3. NOLAN, Albert. *Jesus antes do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1987, p. 96.

campo. Jesus cresceu no meio da natureza, com os olhos muito abertos para o mundo que o rodeia. Basta ouvi-lo falar. A abundância de imagens e observações tomadas da natureza nos mostra um homem que sabe perceber a criação e desfrutá-la<sup>4</sup>. Nazaré era um povoado pequeno onde todos se conheciam e o vínculo familiar entre seus habitantes era muito forte. Por esta razão, as relações de família ocupam espaço especial nas palavras de Jesus.

A unidade básica, em que todos viviam juntos como entidade corporativa, era a família – a família maior que incluía todos os parentes. Os vínculos de sangue e do casamento eram levados realmente muito a sério. Todos os membros da família eram não somente considerados como irmãos, irmãs, mães e pais um do outro, mas se identificavam um com o outro. O mal, feito a um membro da família, era sentido por todos. A vergonha de um afetava a todos<sup>5</sup>.

Bem antes das narrativas de oposição de seus parentes, Jesus havia deixado Nazaré, onde vivera desde a infância com seus familiares e onde também exercera o ofício de carpinteiro, herança que recebera de seu pai. Tinha partido para a Judeia, ao encontro daquele profeta que surgira “no deserto proclamando um batismo de conversão para a remissão dos pecados” (Mc 1,4). “Em Nazaré a família era tudo: lugar de nascimento, escola de vida e garantia de trabalho. Fora da família, o indivíduo fica sem proteção nem segurança. Só na família encontra sua verdadeira identidade”<sup>6</sup>. Mas esta família, apoio e segurança do indivíduo, não se reduzia apenas aos pais com seus filhos, abrangia todos os parentes ligados pelos vínculos do sangue e do casamento. A então partida de Jesus talvez já fosse motivo de preocupação com sua segurança por parte de alguns dos membros dessa grande família. De fato, depois que recebeu o batismo de João, que outro evangelista dirá mais tarde, pela boca do próprio Batista, não haver necessidade para tal (cf. Mt 3,13-15), Jesus passou por vários perigos no deserto, “sendo tentado por satanás e vivendo entre as feras” (Mc 1,13).

O Evangelho de Lucas nos conta a respeito de um episódio bastante conhecido popularmente em que Jesus, ainda criança, havia se apartado da família para permanecer no Templo por ocasião de uma peregrinação que fizeram a Jerusalém (cf. Lc 2,41-52). Aquilo também afligira bastante os seus pais e, quando o reencontraram, sua mãe questionou: “Meu filho, por que agiste assim conosco? Olha que teu pai e eu, aflitos, te procurávamos” (Lc 2,48). Procuravam pelo filho desaparecido e que provavelmente precisava de seus cuidados. Mas a resposta que o pequeno Jesus lhes dera, um tanto enigmática, não foi compreendida e

4. PAGOLA, José Antônio. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 64.

5. NOLAN. *Jesus antes do cristianismo*, p. 92.

6. PAGOLA. *Jesus: aproximação histórica*, p. 65.

talvez nem levada em consideração. O importante naquele momento era retornar a Nazaré em segurança e retomar a mesma rotina de antes. Dessa vez, obediente, Ele voltou para casa com seus pais.

### Jesus de volta à Galileia

“Depois que João foi preso, veio Jesus para a Galileia proclamando o Evangelho de Deus: ‘Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho’” (Mc 1,14-15). Os discípulos de João seguiram seus destinos; muitos se dispersaram, mas alguns permaneceram próximos e mantinham sempre contato com o mestre, mesmo estando este na prisão (cf. Mt 11,2-6), e quando de sua morte recolheram o seu corpo para sepultar (cf. Mt 14,12). Jesus volta para a Galileia, mas não vai morar em Nazaré, prefere fixar residência em Cafarnaum, onde estabelece as bases para o seu ministério. Esta afirmação tem comprovação quando, ao regressar a Cafarnaum, após uma de suas saídas pela região, Marcos afirma que Ele está “em casa” (Mc 2,1) e Mateus chega a chamar Cafarnaum de “sua cidade” (Mt 9,1). Não sabemos exatamente as razões de sua escolha, mas temos muitas indicações:

A preferência demonstrada por Jesus, em seu ministério, pela região do lago, ao invés da cidade natal de Nazaré e de suas proximidades, representou importante mudança de foco no que diz respeito às microrregiões e, por implicação, à atividade cultural humana em relação à biosfera da Galileia. As razões dessa preferência são obscuras, e afirmar algo de definitivo sobre a questão não seria mais que especulação, embora diversas indicações nesse sentido possam ser consideradas: o fato de que Ele conhecia alguns discípulos de João Batista oriundos de Betsaida; a rejeição por parte de seu próprio povo; a busca por trabalho; uma preferência por um ambiente mais aberto, mais cosmopolita; o evitamento da presença herodiana em Séforis, perto de Nazaré; um curandeiro que estava em busca de ar e água apropriados...<sup>7</sup>

O certo é que tão cedo Jesus não voltou a Nazaré! Os seus é que foram em busca sua quando “a sua fama se espalhou por todo lugar, em toda a redondeza da Galileia” (Mc 1,28). Certamente os seus parentes, que moravam em Nazaré, escutaram os ecos de suas palavras e as notícias das multidões que o seguiam em busca da cura para os seus males. Finalmente, quando resolveu, de livre-vontade, visitar Nazaré, as pessoas que o conheciam de outros tempos se admiravam com as mudanças que haviam ocorrido em seus modos e palavras, lembravam-se dos seus familiares que ainda viviam ali, mas não o receberam bem. “E estavam chocados por sua causa. E Jesus lhes dizia: ‘Um profeta só é desprezado em sua

7. FREYNE, Sean. *Jesus, um judeu da Galileia*: nova leitura da história de Jesus. São Paulo: Paulus, 2008, p. 46.

pátria, em sua parentela e em sua casa'. E não podia realizar ali nenhum milagre, a não ser algumas curas de enfermos, impondo-lhes as mãos" (Mc 6,3-5).

### Jesus e a oposições dos seus familiares (Mc 3,20-21)

Esta perícopa, tomada aqui como referência para o estudo do relacionamento familiar de Jesus, não tem paralelo nos outros evangelhos sinóticos, mas está associada à que vem depois (3,31-35), também relacionada à oposição familiar que sofrera, mas com paralelos nos outros sinóticos (Mt 13,1-9; Lc 8,4-8). Entre uma (3,20-21) e outra (3,31-35) se introduz, como "recheio", o episódio que trata da oposição dos "escribas que haviam descido de Jerusalém", que acusam Jesus de estar "possuído por Beelzebu", "por um espírito impuro" (3,22-30). Christopher Church chama a esta estrutura literária "texto-sanduíche":

Marcos 3,20-35 é o primeiro dos "textos-sanduíche" em que o evangelista insere uma narrativa – o "recheio" (3,22-30) – em outra – o "pão" (3,20-21.31-35) – para destacar a ênfase comum às duas. Aqui, os dois relatos tratam da legitimidade do ministério de Jesus. A família de Jesus pensava que Ele estava "fora de si" (3,21); os escribas de Jerusalém achavam que Ele estava unido ao "maioral dos demônios" (3,22). Jesus invadira o mundo de satanás e estava saqueando os seus bens, expulsando demônios (3,27)<sup>8</sup>.

Segundo Marcos, Jesus, depois de instituir os Doze sobre uma montanha fora da cidade, "voltou para casa" (v. 20), não em Nazaré, mas em Cafarnaum. A casa é o lugar de descanso e restabelecimento das energias. Na certa Ele e seus discípulos desejavam descansar um pouco e "comer pão", ou seja, alimentar-se, tomar uma refeição. Mas a multidão, percebendo a sua chegada, começa a aglomerar-se à porta da casa, não lhes dando tempo para a refeição. Cria-se uma situação desconfortável entre o grupo que está dentro de casa e a multidão que afluí. Na sequência, Marcos introduz um terceiro grupo: o dos que "saíram para detê-lo" (v. 21). Algumas questões desse versículo precisam ser analisadas:

- a) Quem procura deter Jesus? O *Novo Testamento interlinear grego-português*, em sua tradução literal, nos diz que são "os ao lado de Ele"<sup>9</sup>. Provavelmente são pessoas que têm alguma proximidade com Jesus, mas nenhum domínio sobre ele; mesmo assim procuram dominá-lo, impedir sua atividade, pois o julgam descontrolado. A Bíblia de Jerusalém, de uma maneira bem ampla, os apresenta como "os seus". Outras versões os apresentam como parentes ou familiares. A Bíblia do Peregrino, mesmo os apresentando como "seus familiares", traz uma nota que diz:

8. DOCKERY, David S. (ed.). *Manual bíblico vida nova*. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 610.

9. BÍBLIA. *Novo Testamento interlinear grego-português*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004, p. 138.

“Parece que não possam ser identificados com os do versículo 31, que acorrem com um recado pacífico, são provavelmente achegados que o conheceram num estilo de vida corrente, e não conseguem integrar sua nova figura”<sup>10</sup>.

- b) Por que eles agem assim? Porque ouviram, porque souberam ou porque tomaram conhecimento disso, dizem as versões consultadas. Tomando como referência o versículo anterior, então a causa poderia ser a multidão que se apinha de modo que eles não tinham tempo nem pra comer. “Sua família está ‘do lado de fora’. Vieram protegê-lo para que não se esforce demais. Acham que Ele perdeu o juízo”<sup>11</sup>. Como já afirmara anteriormente Albert Nolan: “Marcos nos diz que eles achavam que Jesus estava fora de si, e sentiram-se obrigados, como o exigia a solidariedade familiar, a tomar conta dele”<sup>12</sup>. Mas não fica claro no texto se era a pregação de Jesus ou o fato de não conseguir comer que incomodava seus parentes.
- c) O que esperavam conseguir com tal ação? Seja qual for o motivo que os levou a tal atitude, eles tentavam controlá-lo, talvez para levá-lo de volta para a vida pacata de Nazaré, afastando-o daquela multidão incômoda, e assim impedindo que Ele envergonhasse a família com suas loucuras. Adolf Pohl, em suas *observações preliminares*, apresenta uma variante interpretativa onde diz que “a família não se importava com a saúde de Jesus, mas observara a tensão política entre Ele e Jerusalém e viam com preocupação que Ele não se impunha reservas nem neste estágio, antes cambaleava como um cego para os braços dos seus inimigos”<sup>13</sup>. Isso explica por que os seus o acusavam de estar cometendo loucura, pois viam com apreensão o seu envolvimento em tais questões, procurando retirá-lo de cena.

Apreciando o que Christopher Church chama de “textos-sanduíche” em Mc 3,20-35, já citado anteriormente em destaque, vemos que o “recheio” (3,22-30) trata da atitude dos “escribas que haviam descido de Jerusalém” (Mc 3,22). A oposição feita por estes *doutores da Lei* é diferente daquela promovida pelos parentes de Jesus impulsionados pela solidariedade familiar que pretende amparar aquele irmão que, no entendimento deles, parece cometer loucuras. Enquanto os parentes procuram trazer Jesus para si, os escribas procuram segregá-lo. Mas o que os une é a incredulidade, ambos questionam a legitimidade do ministério de

10. BÍBLIA. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 2401.

11. BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. (orgs.). *Comentário bíblico*: volume III. São Paulo: Loyola, 2013, p. 52.

12. NOLAN. *Jesus antes do cristianismo*, p. 96.

13. POHL. *Evangelho de Marcos: comentário esperança*, p. 138.

Jesus: os parentes dizem “perdeu o juízo” ou “enlouqueceu”; os escribas dizem “está possuído por Beelzebu”.

Algum tempo depois, ao que parece, ainda ocorre um diálogo entre Jesus e seus irmãos, por ocasião da Festa das Tendias, que é narrado apenas por João. Os irmãos parecem desafiar Jesus a ir à festa em Jerusalém “pois ninguém age às ocultas, quando quer ser publicamente conhecido. Já que fazes tais coisas, manifesta-te ao mundo” (Jo 7,4). Em meio ao diálogo, o evangelista acrescenta o seguinte comentário: “Pois nem mesmo os irmãos criam nele” (Jo 7,5). E Jesus diz aos seus irmãos: “Meu tempo ainda não chegou; o vosso, porém, sempre está preparado. O mundo não vos pode odiar, mas odeia-me, porque dou testemunho de que suas obras são más” (Jo 7,6-7).

### A nova família de Jesus

Vimos que Jesus abandonara Nazaré, o povoado em que vivera a sua infância e juventude, e, com isso, também a sua família.

Abandonar a família era muito grave. Significava perder o vínculo com o grupo protetor e com o povoado. O indivíduo devia procurar outra “família” ou grupo. Por isso deixar a família de origem era uma decisão estranha e arriscada. No entanto, chegou um dia em que Jesus o fez. Ao que parece, sua família e inclusive seu grupo familiar ficavam pequenos para Ele. Ele procurava uma “família” que abarcasse todos os homens e mulheres dispostos a fazer a vontade de Deus<sup>14</sup>.

Marcos (3,31-32) nos conta que a mãe e os irmãos de Jesus, quando chegaram à casa em que Ele se encontrava com a multidão ao seu redor, ficaram do lado de fora, não quiseram ou não puderam entrar. Jesus já tinha outra família, que estava dentro de casa. Sua mãe e seus irmãos poderiam até entrar para a nova família, mas tinham que cumprir uma condição: “Quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mc 3,35).

Jesus tinha a séria preocupação de que qualquer atitude sua em relação à sua mãe ou aos seus irmãos pudesse não ser interpretada apenas como solidariedade biológica ou familiar, daí o modo como os tratou naquela casa em Cafarnaum. Em outra ocasião, conta-nos Lucas, “certa mulher levantou a voz do meio da multidão e disse-lhe: ‘Felizes as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram!’ Ele, porém, respondeu: ‘Felizes, antes, os que ouvem a Palavra de Deus e a observam’” (Lc 11,27-28). Estas palavras se justificam porque, como diz Albert Nolan: “Qualquer solidariedade particularmente íntima e mútua entre Jesus e sua mãe teria que ser baseada na vivência da vontade de Deus”<sup>15</sup>.

14. PAGOLA. *Jesus: aproximação histórica*, p. 66.

15. NOLAN. *Jesus antes do cristianismo*, p. 97.

### Relacionamentos de parentes e amigos de Jesus

As relações de família também ocupam espaço especial nos atos e palavras de Jesus e estão bem presentes em Marcos, como nos demais evangelhos, o que demonstra o cuidado pela solidariedade e justiça social entre os que seguem o caminho de Jesus.

Entre as narrativas de solidariedade em família vistas em Marcos destaca-se a que se passa na casa de Simão (Pedro) e seu irmão André. Por trás da narrativa vemos que se trata de uma casa que abriga muitas pessoas. Além da família de Simão, provavelmente também a família de André. Eles recebem a Jesus e aos irmãos Tiago e João para uma refeição. Embora mostre um fundo de solidariedade familiar, a razão principal dessa narrativa, com paralelos nos outros sinóticos, se deve à cura milagrosa da sogra de Simão. Mostra ainda ser ela uma pessoa bastante ativa, quando em bom estado de saúde, e de fundamental importância ao grupo familiar (cf. Mc 1,29-31).

Quando de sua visita a Nazaré, Jesus apresenta-se de forma muito diferente dos tempos em que ali vivera com seus parentes e amigos. Típico de um pequeno povoado, a gente do lugar começa a questionar: “De onde vem tudo isso? E que sabedoria é essa que lhe foi dada? E como se fazem tais milagres por suas mãos? Não é esse o carpinteiro, o filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão? E as suas irmãs não estão aqui entre nós?” (Mc 6,2-3). Sim, seus conterrâneos lembravam muito bem daquele que havia crescido entre eles; talvez o quisessem como era conhecido nos tempos anteriores e criavam-se divisões entre eles “e estavam chocados por sua causa” (Mc 6,3).

Tais questões de relacionamento entre parentes e amigos talvez tenham levado Jesus, certa vez, angustiado, a proferir: “Pensais que vim para estabelecer a paz sobre a terra? Não, eu vos digo, mas a divisão. Pois doravante, numa casa com cinco pessoas, estarão divididos três contra duas e duas contra três” (Lc 12,51-52). Ainda segundo Lucas, Jesus continua como que lembrando a crítica do Profeta Miqueias à injustiça social e falta de solidariedade entre o povo de Israel (cf. Mq 7,6): “ficarão divididos: pai contra filho e filho contra pai, mãe contra filha e filha contra mãe, sogra contra nora e nora contra sogra” (Lc 12,53). Mateus aproxima mais ainda do Profeta Miqueias quando acrescenta: “Em suma: os inimigos do homem serão seus próprios familiares” (Mt 10,36).

Tratando ainda da oposição de pessoas próximas a Jesus que, carregadas de boas intenções e com o intuito de protegê-lo, procuravam demovê-lo de levar adiante aquela missão, vale lembrar que o próprio Pedro, um dos apóstolos mais chegados a Jesus, foi repreendido severamente por censurar o anúncio de sofrimento, rejeição e morte de seu mestre, para depois ressuscitar (cf. Mc 8,31-33). Não temos notícias de repreensões semelhantes feitas aos seus familiares ou parentes.

Os próprios apóstolos também precisaram se afastar de seus familiares para seguir Jesus. Lembremo-nos do chamado dos irmãos Tiago e João: “E eles, deixando o pai Zebedeu no barco com os empregados, partiram em seu seguimento” (Mc 1,20). Passado algum tempo, logo depois do encontro com um jovem rico que não queria perder seus bens, é Pedro quem lembra a Jesus: “Eis que nós deixamos tudo e te seguimos” (Mc 10,28).

### Conclusão

Jesus começou sua vida pública afastando-se da sua terra e da sua família. Este afastamento certamente deixou os seus familiares preocupados com o seu futuro e com a sua segurança. Assim como Jesus, tantos jovens, ontem e hoje, deixam a família pelos mais diversos motivos, e se aventuram num mundo cheio de perigos! Alguns buscam um ideal de vida e por ele lutam e conseguem vencer; outros, infelizmente, se deixam levar por ilusões e entram num mundo de vícios e pecado. Por isso é sempre motivo de apreensão quando um filho ou uma filha deixa a família para seguir novos rumos. Mas, o que os faz despertar para tal decisão? Talvez algum problema interno de relacionamento familiar que os empurre para fora; talvez uma visão de futuro que os atraia para outras esferas de relacionamento. E, no caso de Jesus, teria sido algum problema interno a causa do seu afastamento familiar? Não o sabemos! O que sabemos é que Ele decidiu sair de Nazaré da Galileia para ser batizado por João Batista no Rio Jordão, na região da Judeia.

Seja qual for o significado do batismo de Jesus no Rio Jordão, isso indica a sua decisão de juntar-se a João Batista, e não a um dos vários movimentos que circulavam pela Palestina em seu tempo. Com a prisão de João Batista, Ele resolve dar prosseguimento ao anúncio do *Reino de Deus* a partir da Galileia. Entre os muitos obstáculos encontrados pelo caminho, Jesus deparou-se com a oposição de sua própria família que, no início de sua missão na Galileia, procurava afastá-lo do seu objetivo. Situação bem delicada, mas que não chegou a provocar o rompimento definitivo com sua família.

Não mais os evangelhos sinóticos, porém, bem mais tarde, somente João coloca a mãe de Jesus na cena da crucifixão: “Perto da cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cléofas, e Maria Madalena” (Jo 19,25). É também João que assim registra as últimas palavras de Jesus antes de morrer, dirigidas à sua mãe: “Jesus, então, vendo sua mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, disse à sua mãe: ‘Mulher, eis teu filho!’” (Jo 19,26).

Não sabemos como ocorreu a mudança de atitude de seus parentes, mas no início dos Atos dos Apóstolos já encontramos reunidos numa só comunidade os discípulos e a família de Jesus: “Todos estes, unânimes, perseveravam na oração com algumas mulheres, entre as quais Maria, a mãe de Jesus, e com seus irmãos”

(At 1,14). E dois desses seus irmãos ainda deram os seus nomes para duas das cartas do Novo Testamento: Tiago e Judas.

*Sérgio Neves Silveira*  
Rua Alberto Zeltzer, 381, casa 1  
53439-310 Janga – Paulista, PE  
e-mail: neves48@uol.com.br

### **Bibliografia**

BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. (orgs.). *Comentário bíblico: volume III*. São Paulo: Loyola, 7. ed., 2013.

BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém: nova edição, revista e ampliada*. São Paulo: Paulus, 7ª impressão, 2011.

BÍBLIA. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2. ed., 2006.

BÍBLIA. *Novo Testamento interlinear grego-português*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

DOCKERY, David S. (ed.). *Manual bíblico vida nova*. São Paulo: Vida Nova, 2001.

FREYNE, Sean. *Jesus, um judeu da Galileia: nova leitura da história de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2008.

NOLAN, Albert. *Jesus antes do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1987.

PAGOLA, José Antônio. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 5. ed., 2012.

POHL, Adolf. *Evangelho de Marcos: comentário esperança*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998.